

# **A EQUOTERAPIA COMO TRATAMENTO ALTERNATIVO PARA ADOLESCENTES PORTADORES DE PARALISIA CEREBRAL DO TIPO DIPLEGIA ESPÁSTICA**

Flávia Regina Lagrega Picanço

Michelli Carulina da Silva

Orientação: Carlos A. Nepomuceno

Orientação Metodológica: Prof. Ms. Heitor Romero Marques

A paralisia cerebral é uma encefalopatia crônica de caráter não progressivo, que incide nos períodos pré, peri e pós-natais. Caracteriza-se por uma disfunção na fase de desenvolvimento do crescimento cerebral, trazendo como consequência alterações no tônus muscular, na postura e no movimento, sendo persistentes, mas não imutáveis. As etiologias da paralisia cerebral são diversas, sendo que o insulto responsável pode variar entre um erro hereditário do desenvolvimento, fatores maternos até causas pós-natais.

A classificação de distúrbios motores na paralisia cerebral é aceita com base nas características clínicas do comprometimento motor de lesão cerebral. É classificada em: forma espástica, forma hipotônica, forma atáxica e forma atetóide; e quanto à topografia: quadriplegia, diplegia e hemiplegia. No caso da diplegia espástica, ocorrerá uma hipertonia de caráter permanente, onde as extremidades inferiores são mais acometidas que as superiores, o que acarreta dificuldades em deambulação, postura, equilíbrio e coordenação motora.

A intervenção com fins de reabilitação implica no conceito de que é possível modificar a responsividade de portadores de lesão cerebral, através de estimulação. Dependendo da integridade estrutural e fisiológica do sistema nervoso central, as técnicas terapêuticas podem tornar possível uma atividade, pelo desencadeamento de respostas motoras, desde que existam conexões cerebrais voluntárias adequadas.

Desta forma, a equoterapia é uma modalidade terapêutica que utiliza o cavalo como instrumento reeducativo, não somente para dados motores, mas também cognitivos, sensoriais, comportamentais e sociais, através de uma atividade lúdico-desportiva. No Brasil, utiliza-se tal método desde 1989, com a criação da Associação Nacional de Equoterapia (ANDE), e o reconhecimento como método terapêutico pelo Conselho Federal de Medicina aconteceu em 1997.

A equoterapia é indicada na maioria dos casos de disfunção neurológica com alterações motoras, atraso do desenvolvimento e comunicação, autismo, dificuldade no aprendizado, síndromes congênitas, disfunções ósseas e articulares. Em alguns casos, a equoterapia é contra-indicada, como exemplo, em estados patológicos que causem dor, alterações cárdio-respiratórias severas, osteoporoses, alergias, comprometimento da coluna vertebral, artroses fisiológicas, riscos de luxação do quadril.

Os benefícios, aos praticantes, são alcançados a partir do movimento tridimensional do cavalo, que transmite à bacia pélvica do praticante o movimento semelhante ao da marcha humana e, além disso, o cavalo é um instrumento motivador, promovendo inúmeros estímulos e facilitando integrações sensoriais táteis, vestibulares e proprioceptivas, exigindo a participação global do corpo, o que contribui para o desenvolvimento de força muscular, relaxamento, conscientização do próprio corpo e aperfeiçoamento da coordenação e do equilíbrio. O local é a céu aberto e junto à natureza, completando o quadro prazeroso.

Esta pesquisa teve como propósito a constatação de benefícios motores em três adolescentes portadores de paralisia cerebral do tipo

diplegia espástica, pela prática da equoterapia, no Centro de Campo Grande-MS, entre fevereiro e julho de 1998, levando-se em consideração que dois deles já praticavam a equoterapia há aproximadamente um ano e dois meses. As sessões eram realizadas uma ou duas vezes por semana, com duração de trinta minutos, tempo suficiente para a captação dos estímulos proporcionados. Foi observado que estes praticantes apresentaram melhora na marcha, no equilíbrio, na coordenação, no convívio social e na auto-estima, confirmando-se com depoimentos dos próprios praticantes, dos pais e dos membros da equipe. Um dos praticantes submeteu-se à equoterapia por um curto período de tempo, o que não foi suficiente para que se observasse melhoras significativas, no entanto, afirmou em depoimento que adquiriu maior facilidade em marcha e para descer degraus. Concluindo, a equoterapia é um método eficaz de tratamento, no caso da paralisia cerebral do tipo diplegia espástica, desde que seja realizada adequadamente.